



OS “ANJOS” VOANDO NO CAMPO SANTO: REPRESENTAÇÕES DA MORTE NA INFÂNCIA

*Rita de Cássia Luiz da Rocha**

*Mirian Ferreira Santos**

RESUMO: Os rituais fúnebres sempre tiveram uma representação singular, por constituir-se em uma amostra do imaginário popular, pois, são percebidos como práticas carregadas de simbolismos e presentes no cotidiano de cada cultura. Assim sendo, esta pesquisa trilhou por caminhos que são considerados para muitos como obscuros, a morte de crianças. Enfatiza-se que o tema abordado não está unicamente ligado no fator de cunho religioso ou de saúde pública, mas, na percepção do cemitério, ou seja, no local físico, “campo santo”, como espaço de valorização da criança, à medida que ela passa a pertencer a este lugar, caracterizando a existência social para a infância.

Palavras-Chave: morte – infância – cemitério – representação

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Consoante Norbert Elias(2001, p.10) “a morte é um problema dos vivos: os mortos não tem problemas.”, ou seja, a morte é um problema de todo ser humano, pois a conhecemos. Somos entre os seres vivos os únicos que sabem que a morte é certa, conhecendo-a, podendo muitas vezes prevê-la. Assim sendo, entre os indivíduos/grupos, todos, tomam cuidados, precauções para que a expectativa de vida seja a mais longa possível. Neste sentido, podemos considerar parte de nossa empreitada em vida, é fazer com que nossa despedida, seja tranqüila, para quem nos acompanha, e porque não dizer para nós mesmos.

As idéias mesmo mitologizadas, céu, inferno, vida pós-morte, são tentativas de afastar o fim da vida o mais longe possível, para o fundo da cena social, ou como diria Elias (2001, p.7) “podemos tentar evitar a idéia da morte afastando-a -

* Mestre em Educação pela UNIMEP; Coordenadora e Professora do Curso de Pedagogia da Faculdade Guairacá. ritaluiz@faculdadeguairaca.com.br

* Graduada em Pedagogia pela Faculdade Guairacá. mirian2santos@hotmail.com

encobrimo e reprimindo a idéia indesejada - ou assumindo uma crença inabalável em nossa própria imortalidade – ‘os outros morrem, eu não’”. É o evento mais certo que acontece a todos os indivíduos, independentemente de classe, gênero ou etnia.

A morte é um fato natural, assim como o nascimento, a sexualidade, o riso, a fome ou a sede, e, como tal, é transclassista, ou seja, diante dela todos os homens se igualam. Pois todos a quem ela escolhe, crianças, jovens, velhos, ateus, crentes, homens, mulheres, brancos, negros – sejam ricos ou pobres, equilibra todas as condições sociais. A morte nos mostra a absoluta igualdade entre os homens, nivelando-os ao mesmo destino. (ELIAS, 2001, p.7)

Neste contexto, sobre o fim da vida inúmeras fantasias perpassam. Na idade média, ricos e pobres tinham medo extremo da morte, pois o pecado difundido pela Igreja, registrava a sua ou não entrada no reino dos céus. Assim, os indivíduos rezavam e se arrepiavam muito, pois tinham medo da punição depois da morte e se angustiavam em relação ao espaço que ocuparia a sua alma.

O historiador Phillipe Ariès em suas pesquisas pelas iconografias medievais, irá apontar, de acordo com as idéias da época, o que esperava pelas pessoas depois da morte. Um exemplo segundo o autor, pode ser encontrado num cemitério famoso do final da Idade Média, em Pisa. Uma figura retrata os terrores que aguardavam as pessoas depois da morte. Em outras imagens são retratados os anjos conduzindo as almas salvas para o paraíso, e os horríveis demônios que atormentavam os condenados, fruto do pecado ao inferno. Com tais imagens aterrorizantes diante dos olhos, uma morte pacífica não pode ter sido fácil (ARIÈS apud ELIAS, 2001, p.23).

Diante do exposto, estas questões mitologizadas difundidas ao decorrer do tempo, permeiam todas as sociedades. O que irá demonstrar o nível de desenvolvimento das sociedades, ou seja, como cada nação reage em relação à morte e a sua imagem.

Estas representações serão de acordo com o desenvolvimento de cada grupo, idéias, ritos, tornam-se um aspecto de socialização, fazendo com que a morte estabeleça momentos em comum. Afirmamos esta questão quando Elias (2001, p.12) escreve: “idéias e ritos unem as pessoas; no caso de serem divergentes, separam grupos”.

Sem dúvida, as crenças nestes rituais, fazem com que a morte se torne um alívio, uma esperança de vida eterna. Estas práticas apaixonadas, fantasias coletivas, continuam a existir, mas num grau bem menor, do que em séculos anteriores, pois as indivíduos que morriam de causa natural, ou mesmo a despeito do número que morriam assassinadas ou acidentes, os velórios e enterros eram cheios de cantarolas, rezas, e os sentimentos se misturavam, parecendo existir certa alegria. Havia banquete onde se convidavam amigos e familiares para a

despedida. Nestes preparativos havia ainda, a escolha do cemitério, a roupa, a Igreja, em que amigos e inimigos iriam chorar dando-lhe ao morto o último adeus.

Enfim, a morte era pública! As pessoas se despediam, na certeza que um dia se reencontrariam. Este sentimento, em acreditar numa crença sobrenatural, em seus ritos, para muitos, podia garantir uma vida eterna depois da vida passada aqui na terra. Para outros, o controle de suas condutas, os cuidados pertinentes ao corpo e sua segurança, é o que garante uma perspectiva de vida maior. Esta questão fica clara quando Norbert Elias descreve:

Sem dúvida, nas sociedades avançadas os grupos não insistem mais tão apaixonadamente em que apenas sua crença sobrenatural e seus rituais podem garantir a seus membros uma vida eterna depois da vida terrena. Na Idade Média, os indivíduos com crenças minoritárias eram muitas vezes perseguidos a ferro e fogo [...] Nos Estado - nação mais desenvolvidos, a segurança das pessoas, sua proteção contra os golpes mais brutais do destino como a doença ou a morte repentina, é muito maior que anteriormente, e talvez maior que em qualquer outro estágio do desenvolvimento da humanidade (ELIAS, 2001, p.12-13).

No estudo proposto, a contribuição está em evidenciar de que forma o cemitério foi percebido no espaço de representação social da morte de crianças. Evidenciamos diversos contextos, onde ritos, concepções religiosas, culturais inferiram no sepultamento das crianças. Percebendo as atitudes dos indivíduos diante da morte infantil. Para tal estudo, buscamos no acervo da igreja, os livros de óbitos dos indivíduos livres, no caso as brancas e índias, bem como, o livro de assentamentos das pessoas negras. Estes documentos datam de 1810 a 1880, em que estão descritos os batizados e óbitos, das pessoas que pertenciam ao início da povoação da cidade de Guarapuava.

Portanto, a partir desta documentação procuramos respostas para questões: Teria as crianças um lugar juntamente com os adultos mortos? Qual seria este lugar, depois da morte das crianças? O limbo ou céu seria o espaço que todas as crianças devem ir? Inocentes ou pecadoras, qual o destino dessas crianças?

É pensando nestas questões que iremos entrar na história da morte de crianças e suas representações por meio dos seus ritos de passagem.

1. A MORTE É UM PROBLEMA DOS VIVOS: OS MORTOS NÃO TÊM PROBLEMAS

Ao afirmar que, as atitudes que temos diante da morte e sua representação em nossa sociedade, foram sendo construídas no decorrer dos tempos. Um exemplo nítido está entre os cavaleiros de século XIII, um homem de 40 anos era considerado um velho; nas sociedades industriais do século XXI, ele é considerado quase jovem.

Este aspecto demonstra claramente a previsibilidade da morte pelos indivíduos, em que, a preocupação do controle das grandes epidemias, as melhorias de condições de saúde, de moradia, educação, aliados ao controle de suas condutas, fizeram com que as expectativas de vida nas sociedades, as levassem a outros estágios de desenvolvimento, assim “a vida é mais longa, a morte é adiada” (ELIAS, 2001, p.15).

Atualmente, o espetáculo da morte não é mais corriqueiro, ficou mais fácil esquecer-se dela diante das tribulações do cotidiano, a morte tornou-se *recalcada*¹, ou seja, o planejamento da morte foi confiado e esquecido para o fundo social.

Esta questão fica evidenciada, quando verificamos o afastamento dos vivos em relação aos moribundos. Pois, os vivos acham difícil identificar-se com os moribundos, não possuindo uma auto-imagem, como que só este último fosse validado a morrer. O fato é, de que não nos percebemos como velhos e/ou moribundos.

Consideramos desta forma, que a morte tem dois aspectos, o primeiro é morrer por velhice ou doença, o segundo é seu aceleração pela própria solidão, o que causa muitas mortes por depressão ou abandono.

Abandono que muitos moribundos estão a margem, e acabam morrendo sozinhos. Este fator está ligado em suas relações em vida, pois muitas vezes as pessoas não refletem em seu futuro, ou seja, suas condutas em vida se tornarão indicativos pelos outros de como deverá ser sua terminalidade, e tal será entendida. Vejamos neste exemplo abaixo o autor em sua citação:

Assim sendo Chanceler de Henrique VIII, abraçou seu pai moribundo no leito de morte e o beijou nos lábios um pai que ele reverenciou e respeitou por toda a vida. Havia casos, no entanto, em que os herdeiros em volta do leito de morte zombavam e escarneciam do velho moribundo (MORE apud Norbert Elias, 2001, p.22).

O desprezo pelos mais velhos, seus impedimentos físicos, as doenças levam aos mais novos, a um nível de repugnância e embaraço. Deixados sozinhos por todas as pessoas a quem estão ligados. Os moribundos prescritos no limiar da morte indicam que não sejam úteis a sociedade.

Por contraste, morrer sozinho ou ficar sozinho, isolado depende muito das relações com que mantemos. Entretanto, esse *sozinho* aponta para sentimentos inter-relacionados, ou seja, não é possível partilhar o processo de morrer com outras pessoas, como afirma Elias:

Pode se referir à expectativa de que não é possível compartilhar o processo de morrer com ninguém. Pode expressar o sentimento de

¹ O termo “recalcamento” é utilizado por Norbert Elias (2001), em sua obra a Solidão dos Moribundos.

Rita de Cássia Luiz da Rocha*

Mirian Ferreira Santos

OS “ANJOS” VOANDO NO CAMPO SANTO: REPRESENTAÇÕES DA MORTE NA INFÂNCIA

que com nossa morte o pequeno mundo de nossa própria pessoa, com suas memoriais exclusivas e sentimentos e experiências só conhecidos por nós mesmos, com seus próprios conhecimentos e sonhos, desaparecerá para sempre. Pode referir-se ao sentimento de que, ao morrer, somos deixados sós por todas as pessoas a que nos sentimos ligados (ELIAS, 2001, p.70)

Esta intenção precoce dos indivíduos de isolar os velhos, os moribundos ao destino da morte, perpassa pelo viés da fraqueza humana. Acreditamos que no registro de sentimentos, o que reconforta os moribundos é a presença de outras pessoas. Mas, isto depende de atitudes.

Sendo assim, em nossos comportamentos atuais, muitas vezes não temos nenhum sentimento de identidade nos une indo àqueles que antecipadamente julgamos que irão morrer, pois a imagem da nossa própria morte está intimamente ligada à representação de nós mesmos.

Só quando formos capazes de maior distanciamento de nós mesmo, de maior distanciamento de nós mesmos, de nosso estágio de civilização, e nos tornarmos conscientes do caráter específico de nosso próprio limiar de vergonha e repugnância, poderemos fazer justiça às ações e obras de pessoas em outros estágios (ELIAS, 2001, p.28).

Portanto, o morto hoje se depara com a completa solidão, porque os vivos, temendo por si mesmo, são incapazes de lhes demonstrar afeto. Os corpos mortos e as sepulturas perderam a significação para algumas pessoas.

O velório antes realizado na casa da família, onde o corpo era exposto para todos que quisessem ver, e rodeado de demonstrações de sentimentos. Atualmente deixou-se conduzir por um discreto carro funerário, para um local que cada vez mais se diferencia dos antigos cemitérios. O costume do culto aos mortos, dos epitáfios, vai perdendo gradativamente seu sentido (COE, 1991).

Esta percepção diante da morte e a própria maneira de morrer, perpassam pelo mais diferentes sentimentos. Muitas atitudes são evidenciadas muitas vezes pela repugnância, embaraço e nojo. Esta distância emocional entre as pessoas tornou-se maior em nossa sociedade, embora à necessidade ao outro e de seu afeto permaneça intensa e urgente.

Nunca antes na história da humanidade foram os moribundos afastados de maneira tão asséptica para os bastidores da vida social: nunca antes os cadáveres humanos foram enviados de maneira tão inodora e com tal perfeição técnica do leito morte à sepultura (ELIAS, 2001, p.31).

Neste sentido, ao deparar com o pudor para enfrentar a morte, os indivíduos que participam do cortejo fúnebre, conseguem controlar seus anseios, suas paixões diante daquele que morreu.

Nos sentimentos atuais, a morte tornou-se vergonhosa, dependendo da maneira como a pessoa morre, muitos nem querem ir ao velório. Damos o exemplo de indivíduo que morreu devido a Aids, este, muitas vezes é discriminado pelas suas condutas enquanto esteve vivo, e aos que participam desde momento da despedida, podem ser apontados como aliados nestas condutas. Asseguramos esta questão quando Elias (2001, p.67) aponta: “Nessas sociedades, compreensivelmente, tendências a sentimentos de solidão e isolamento muitas vezes fazem parte da estrutura da personalidade dos próprios moribundos. Sempre há, é claro, diferenças relacionados à classe, sexo, e geração”.

Sem dúvida participar destes momentos, tornou-se, para muitos uma tarefa constrangedora, pois devemos encontrar a palavra, os gestos certos, enfim, atitudes controladas e auto – controladas, atualmente fazem parte desses ritos. Sobre esta questão Norbert Elias aponta:

A preocupação de evitar rituais e frases socialmente prescritos aumenta as demandas sobre a capacidade de invenção e expressão individual. Essa tarefa, porém, está muitas vezes fora do alcance das pessoas no estágio corrente da civilização. A maneira como as pessoas vivem em conjunto, que é fundamental neste estágio, exige e produz um grau relativamente alto de reserva na expressão de afetos fortes e espontâneos (ELIAS, 2001, p.35).

A perda das pessoas a despeito dos avanços da medicina, esta não progrediu o suficiente para assegurar uma morte sem dor. Avançou para permitir um fim muitas vezes sem muita agonia.

Assim sendo, a humanidade, ainda tem a esperança que um dia a medicina descubra uma forma de vivermos mais e mais.

Portanto, vimos como o ser humano reage à morte e ao morrer. Examinando nossa sociedade, perguntamo-nos logo, sobre o que acontece com os homens numa sociedade propensa a ignorar ou a evitar a morte e como estes processos acontecem. Para entender estes processos, investigamos a história que permeia a morte, seus ritos e suas fantasias. Neste imaginário humano onde perpassa medo, lugares e encontros, também esta inscrito os rituais de passagem com relação à morte criança. Estas representações foram feitas pelo olhar dos viajantes que pelo Brasil estiveram.

2. A INFÂNCIA E SUAS ASAS ANGELICAIS: A REPRESENTAÇÃO DA MORTE DE CRIANÇAS

A infância atualmente ocupa um lugar central em nossas relações: um “mundo” adulto se organiza em função de um “mundo” infantil, com especificidades e preocupações que lhe são próprias. Entretanto, a história nos dá elementos para afirmar que nem sempre foram essas as relações entre adultos e crianças.

Uma dessas concepções é do pesquisador francês Philippe Ariès, em sua obra *História Social da Criança e da Família*, publicada em 1960. Em seus escritos Ariès, vai apontar que o conceito ou a idéia que se tem da infância foi sendo historicamente construído e que a criança, por muito tempo, não foi vista como um ser em desenvolvimento, com características e necessidades próprias e sim como um adulto em miniatura.

Ariès, considerado o precursor da história da infância, pois foi através de seus estudos com variadas fontes, como a iconografia religiosa e leiga, diários de família, dossiês familiares, cartas, registros de batismo e inscrições em túmulos, que surgem os primeiros trabalhos na área de história, apontando para o lugar e a representação da criança na sociedade dos séculos XII ao XVII.

Nesse sentido, a história da infância surge como possibilidade para muitas reflexões sobre a forma como entendemos e nos relacionamos atualmente com a criança. Segundo Rita Rocha (2001) vai escrever que:

A discussão sobre a importância e o surgimento da infância está presente em pesquisas no campo da História, Sociologia, Filosofia, Psicologia, Biologia, Antropologia, Arqueologia, entre outras, sendo possível o entrelaçamento de diferentes olhares e autores (...) que vêm contribuindo para enriquecer o conhecimento sobre a questão. Justifica-se, portanto, considerar a história da infância, como essencial para todos nós que trabalhamos com crianças em diversas áreas do conhecimento (ROCHA, 2002, p.53).

Estes múltiplos olhares apontam que no decorrer dos tempos, a presença da criança na organização social passou por transformações que deram origem a diferentes concepções sobre a infância, as quais, por sua vez, estiveram profundamente marcadas pela forma como, nestes processos, os adultos perceberam e trataram as crianças.

Sentimento de infância não existia o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas e desprezadas. O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa condição não existia (ARIÉS, 1981, p.156).

Ainda nos ensina Philippe Ariès, o século XVII é marcado por ser o momento em que a criança passa a ser percebida como definitivamente distinta dos adultos. A criança começou a fazer parte da família, sendo reconhecida socialmente.

A família começou então a organizar em torno da criança e a lhe dar tal importância, que a criança saiu de seu antigo anonimato, que se tornou impossível perdê-la ou substituí-la sem uma enorme dor, que ela não pôde mais ser reproduzida muitas vezes, e que se tornou necessário limitar seu número para melhor cuidar dela (ARIÉS, 1981, p.12).

Neste sentido, as crianças deixaram de ser enterradas em qualquer lugar “como hoje se enterra um animal doméstico, um gato, o um cachorro! A criança era tão insignificante, tão mal entrada na vida, que não se temia que após a morte ela voltasse para importunar os vivos” (ARIÉS, 1986, p.57).

Especificadamente no Brasil, no século XIX, a morte das crianças tornou-se um dos problemas que mais inquietavam os higienistas do segundo império. Na sessão da Academia de Medicina de 18 de junho de 1846, segundo Freyre levaram-se várias hipóteses.

Os manuais de medicina do século XVIII apontavam: o abuso de comidas fortes, o vestuário impróprio, o aleitamento mercenário com amas de leite atingidas por sífilis, boubas e escrófulas, a falta de tratamento médico quando das moléstias, os vermes, a “umidade das casas” o mau tratamento do cordão umbilical, entre outras que estão presentes até hoje. (FREYRE, 1999, p.92).

Mas havia aqueles que se salvavam. Neste contexto, era costume colocar as crianças, frente à imagem da Virgem Maria, levados em aos oratórios das igrejas. As crianças estavam presentes a procissões ou recebendo bênçãos em dias de festas religiosas. Em alguns casos, os pequeninos recuperavam a saúde, sendo este “milagre” difundido entre as demais pessoas, como relata Freyre.

reproduziam um universo mental e cultural de pietismo religioso. Ex-votos pintados sobre madeira, em que se reproduzem cenas da vida cotidiana de crianças atingidas por acidentes, doenças ou qualquer forma de perigo, na época era comum a mordedura de cobra ou de cão raivoso. (FREYRE apud PRIORE, 1999, p.92)

Os relatos de histórias envolvendo a saúde dos pequenos e as crenças na proteção divina são alguns aspectos da religiosidade envolvendo a infância. Os quais foram difundidos entre as pessoas e pelos viajantes estrangeiros em visita ao

Rita de Cássia Luiz da Rocha*

Mirian Ferreira Santos

OS “ANJOS” VOANDO NO CAMPO SANTO: REPRESENTAÇÕES DA MORTE NA INFÂNCIA

Brasil. Muitos viajantes ficavam surpresos, com os diferentes tipos de morte que presenciavam em suas viagens, principalmente o das crianças.

Embora tivesse um número expressivo de viajantes estrangeiros no Brasil, Vailati (2002) afirma que nenhum historiador tenha feito uma descrição completa com todos os eventos que se seguiam à morte de uma criança. Segundo Maria Graham², (2002) explica, de modo geral:

Estes relatos se concentram em dois momentos particulares do cerimonial fúnebre de criança: um deles, que diz respeito à forma como se apresentava o cadáver à visitação, nos informando sobre como o corpo era preparado e sobre o aparato material que o acompanhava; o outro é a procissão fúnebre, sendo que vez por outra fazem descrições sobre os lugares e formas de enterramento e alguns cuidados pós-sepultamento (GRAHAN apud VAILATTI, 2002, p.371).

Nos funerais infantis, a despeito do que viam e acreditaram esses estrangeiros, havia bastante lugar para demonstrar afeto e consideração para com a criança morta. Tais atitudes expressas nestes momentos de perda indicam a preocupação que as mães tinham com seus filhos.

Segundo ainda Vailatti (2002) em seus estudos escreve: “Pagãos eram enterrados nas biqueiras das casas ou nas encruzilhadas, de onde, acreditavam-se, rogavam batismo. Os cortejos fúnebres de anjinhos, iluminados por velas e congregando filas de pessoas atraíam, sobretudo, a atenção dos viajantes”. Sobre esta questão apontamos o que Debret, viajante francês de passagem pelo Brasil em 1817, registrou:

Grupos de círios acesos, colocados em profusão, fazem brilhar as flores e vidrilhos entre os quais não se distingue o pequeno embrião fantasiado de anjo e deitado num pequeno leito de tafetá branco, rosa ou azul-céu, guarnecido com debruns de prata. O rosto descoberto é pintado das mais vivas cores e o penteado consiste numa peruca loura, bem empoada, coroada por uma enorme auréola feita de plaque de ouro e prata (DEBRET apud DEL PRIORE, 1999, p.92).

Outra apreensão deste período, era sobre bebês mortos, que era comum encontrarem nas Rodas dos Expostos³, havia uma preocupação das pessoas, de

² Maria Graham, escritora Inglesa muito conhecida entre os viajantes estrangeiros que estiveram no Brasil no século XVIII. Educadora Inglesa. No Rio de Janeiro foi governanta da princesa D. Maria da Glória, (PRIORE, 1999, p.186).

³ Em 1738 seguindo uma antiga tradição portuguesa é fundado, na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro a Roda dos Expostos. A roda era um dispositivo cilíndrico em duas partes, dando respectivamente uma para via e outra para o interior da Santa Casa. Era assistida por uma ama-

onde seriam depositadas estas crianças deixadas ali. Estas práticas estavam entrelaçadas à relação, não só da existência de uma preocupação com o que seria não feito desses "inocentes", mas como também sobre a extensão dos costumes, os quais atingiam, até aqueles indivíduos de carências materiais, os quais também não deixam de possuir esta demonstração de tal inquietação pelas suas crianças mortas.

Os viajantes relatam que ao mesmo tempo em que era triste pelo fato "morte" da criança, esta seria uma cerimônia belíssima, pois afinal era a despedida da família de seu filho. Estes ficaram surpresos, pois no Brasil as crianças, e seu enterro eram diferentes de outros lugares, como na Inglaterra.

Portanto, não é surpreendente que entre os mais bem situados financeiramente - ou que assim quisessem ser tomados, por - esse desvelo tivesse se traduzido em grande pompa. De fato, a outra característica desses enterros de "anjo" que marcava a experiência desses estrangeiros era o investimento exagerado. Tal era o dispêndio (material e simbólico) invertido nessas cerimônias, que não poucas vezes chocavam aqueles que estiveram de passagem por aqui no correr do século dezenove. "Procissão triunfal", é como define Kidder sobre um dos funerais que assiste, (KIDDER apud VAILATTI, 2002, p.370).

O enterro de crianças mais abastadas era oponente, para as menos favorecidas, eram enterradas em qualquer lugar sem direito de um enterro digno. "Muitas crianças, às vezes são levadas para crematório, sem direito a despedida, ao menos um lugar para visita posterior, podendo levar flores e velas" (VAILATI, 2002, p.03).

A fé do período era muito importante, muitos indivíduos achavam que se a criança fosse enterrada com roupas que simbolizavam o seu nome e/ou do seu santo protetor, se salvariam, e as demais que eram vestidas normalmente não alcançariam a glória eterna.

Sobre o "anjinho", no caso, as crianças, os viajantes estrangeiros se mostraram surpresos pela dedicação dos adultos com relação aos pequenos defuntos, pela forma como eram arrumados e expostos.

O erro desses viajantes, segundo Vailati (2002), é que "não foram obtusos por completo ao conceber como tais os funerais infantis. O erro está em considerar as manifestações constituintes dos enterros dos "inocentes" como derivadas de um certo desprezo pela criança que tornaria possível a comemoração de seu falecimento".

Neste sentido, entendemos que o viajante toma como verdade o que vê segundo suas próprias concepções, e tira conclusões que no Brasil havia muito

rodeira que dia e noite, vigiava, vigiava a entrega dos expostos, tendo como obrigação dar "logo parte ao Magistrado da Terra ou administrador a Roda, da sua entrada" (PRIORE, 1996, p.66).

Rita de Cássia Luiz da Rocha*

Mirian Ferreira Santos

OS “ANJOS” VOANDO NO CAMPO SANTO: REPRESENTAÇÕES DA MORTE NA INFÂNCIA

desperdícios de dinheiro, não havendo necessidade de um enterro exagerado com muitos gastos em enterros principalmente os de origem protestante, fator que os impedia de ter uma compreensão desses ritos funerários no Brasil.

A despeito dessas concepções, outro aspecto observado desses ritos, era a forma com as crianças eram vestidas, pois estas deveriam ser enterradas com roupas brancas e, sendo a representação de anjos.

"Prazerosamente", "ricamente" são os termos por meio dos quais homens como John Lucccock, já no começo do período estudado, e mais tarde Daniel Kidder, lançam mão para descrever a maneira pela qual eram preparadas as crianças. Nesse fato se encontra, dentro do conjunto das práticas fúnebres, a primeira manifestação de que às crianças mortas não se votava qualquer tipo de menosprezo. Diferentemente do que hoje isso nos possa parecer, essa dimensão do gestual funerário está bem longe de ter uma importância secundária, restrita ao plano estético, conforme parece ter sido interpretada por esses estrangeiros. Tendo origem em tempos nos quais à crença na separação entre corpo e alma após a morte não era algo bem definido, a idéia de que a forma como se era enterrado e também como se entraria no além resistiu por muito tempo aqui (VAILATI, 2002, p.05).

Nestas despedidas, havia cantos, muitas flores, velas e até poesias. Em meados da década de 1840, Thomas Ewbank, segundo Vailati (2002) enfatizava muito esse aspecto do cerimonial fúnebre no Brasil. No caso das crianças, nos informa que em alguns casos as crianças eram vestidas como santos:

As crianças com menos de 10 e 11 anos são vestidas de frades, freiras, santos e anjos. Quando se veste de São João o cadáver de um menino, coloca-se uma pena em uma das mãos e um livro na outra. Quando é enterrado como São José, um bordão coroadado de flores toma o lugar da pena, pois José tinha um cajado que florescia com o de Araão. A criança que tem o mesmo nome que São Francisco ou Santo Antônio usa geralmente como mortalha um hábito de monge e capuz. Para os maiores, São Miguel Arcanjo é o modelo. Veste-se então o pequeno cadáver com uma túnica, uma saia curta presa por um cinto, um capacete dourado (de papelão dourado) e apertadas botas vermelhas, com a mão direita apoiada sobre o punho de uma espada. As meninas representam "madonas" e outras figuras populares (EWBANK apud VAILATI, 2002, p.08).

A preferência pelas vestes de santos, era de costume ser utilizado como a última roupa. Isso estava de acordo com a crença religiosa da qual o falecido, fazia parte, “vestido desse modo, seria favorecido pela intervenção do santo - que o

receberia e o guiaria em direção ao Céu - de cujo hábito escolhera por mortalha” (VAILATI, 2002). Também afirmamos nesta questão quando Ewbank escreve:

Assim, seu protetor em vida não lhe faltaria na morte. Desta forma, era natural que se escolhessem Santos de sua predileção ou patronos de sua irmandade. Isso nos permite acreditar que, cobrindo a criança com as roupas deste ou daquele santo, os pais garantiam que seu rebento não ficaria desamparado no outro mundo, estando guardado sob os cuidados dessas entidades. Como certamente não o fora enquanto era viva, não era indiferente aos pais o que poderia acontecer à criança quando morta (Ewbank apud VAILATI, 2002, p.09).

Outro registro feito pelos viajantes em seus relatos é o cortejo fúnebre. É a ocasião em que o corpo deixa o local onde era visitado, geralmente a residência e se dirige à igreja, na qual, até a metade do século XIX, eram enterrados. Não eram para todas as crianças e sim os filhos das classes mais abastadas. De todas as etapas que compunham o cerimonial fúnebre infantil, segundo Vailati (2002) esta foi a que mais chamou a atenção dos viajantes, resultando na maior parte dos registros que eles fizeram deste assunto.

A procissão fúnebre era o ponto alto da participação das pessoas que compunham os rituais de morte, ocasião em que o caráter público dos funerais se manifestava com mais amplitude, pois a cidade toda era chamada a participar deles. Assim, toda vez que morria alguém fazia parte do ritual da cidade, todos participarem de seu enterro, não importando quem morreu. O enterro era feito de forma de procissão, onde todos cantavam e despediam de seu ente querido. Não sendo diferente ao enterro das crianças.

A morte infantil, com a permissividade ritual que a caracterizava, não deixou de potencializar em alto grau essa característica. Por esse motivo, esse conjunto constituído pela procissão e transporte do seu corpo revela a forte tendência que a morte da criança tinha (VAILATI, 2002).

Assim sendo, como os demais enterros, ele era realizado a pé. Segundo (EBEL apud VAILATI, 2002, p.379) que escreve nas primeiras décadas do século, as procissões fúnebres de criança, tal como as demais nesse período, eram formadas por fileiras de homens que seguiam andando.

No que refere - se ao sepultamento das crianças, os estudos de Reis (1991) indicam que elas eram enterradas nas dependências das igrejas, tal como acontecia aos adultos. Onde, também existiu entre essas salas, algumas reservadas a sepultamentos das crianças, ou seja, a sala dos carneiros. Segundo Debret (apud VAILATI, 2002), fala de catacumbas com salas que contavam com compartimentos

menores e reservados para o enterro de crianças, ou seja, lugar específico, o “campo santo”, o cemitério como representação social da infância.

2.1 Os Anjos Preparados para pouso: As Crianças e sua Última Morada

Os relatos dos viajantes nos mostraram que muitas crianças morriam no mesmo dia do seu nascimento. Neste, tempo a falta de cuidados, higiene, a pobreza era muita, as mães às vezes não podiam cuidar de seus filhos pela condição financeira em que viviam. E, as inúmeras epidemias que dizimavam muitas vidas em diversas nações, sendo, as crianças as maiores vítimas. Sendo assim, a morte de crianças era bastante freqüente e poucas eram as famílias que não tinham perdido um parente em tenra idade.

Não sendo diferente, esta perda na cidade de Guarapuava.

Descoberta em 1770 pelos portugueses e fundada em 1810, o nome da cidade é de origem Tupi- *Guara* (lobo), *Puava* (bravo). O Município tem como data comemorativa de aniversário o dia de 9 de dezembro, 1819, devido ao início da colonização entre o Rio Coitinho e o Rio Jordão na freguesia de Nossa Senhora de Belém, com a demarcação da povoação e da Igreja. “Este local foi escolhido para início da colonização, porque naquela época se tinha uma referência aproveitar os campos, com horizontes amplos, que através desta característica natural, oferecia facilidade de defesa contra os índios” (TEIXEIRA, 1997, p.02).

As primeiras famílias de Guarapuava foram formadas e influenciadas, em grande parte, por tropeiros oriundos de Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul que usavam a cidade como rota e chegaram na região já nos primórdios de sua colonização. Eram na sua maioria descendentes de poloneses, italianos, ucranianos e alemães.

Em 1821 a população era de “2.520 habitantes, dos quais 1.349 eram homens e 1.171 mulheres (CASAGRANDE apud TEIXEIRA, 1997, p.1). Sua matriz ainda não estava concluída, estando as suas obras sob a direção de Antonio de Sá Camargo que até em 1857 esteve a frente da construção.

A história de Guarapuava e de seu desenvolvimento deve-se a muitas pessoas. Pessoas, que estão na memória dos paranaenses, como referência de um modelo na construção da identidade. Entre elas, citamos o Visconde de Guarapuava, que se tornou um homem de prestígio na Província do Paraná e no Império brasileiro.

Coronel Antonio de Sá Camargo – Visconde de Guarapuava nasceu em 1807 e faleceu em 1896. Durante este tempo suas obras foram inúmeras, sendo: organização política, construção de escolas, praça, igrejas e os cemitérios.

2.2 Os Primórdios das Capelas e Cemitérios em Guarapuava

Sabe-se que a elevação das cidades deu - se, muitas vezes em torno de praças, escolas e da construção de igreja. Márcia Tembil afirma esta questão:

Cuidava-se da largura das ruas (100 palmos, pelo menos 22 metros) da esthetica da povoação que seria erigida de acordo com uma planta que levantou e offereceu o reverendo vigário Francisco das Chagas Lima. Assim, no centro devia reservar-se uma área quadrada, de 90 braças de lado, destinado ao largo fronteiro da igreja, atrás da qual se construiria a casa para o vigário e o condjutor. Para os lados ficariam as habitações dos empregados e na parte mais baixa desceriam três ruas na largura de oitenta braças caveiras (TEMBIL,2007,p.66).

Guarapuava neste tempo, sempre esteve no centro de disputas territoriais, entre espanhóis e portugueses, bem como, de índios bravos que viviam nestas terras. Sendo necessários inúmeras expedições para dominar este espaço. Uma delas trouxe o padre Francisco de Chagas Lima. Este com o objetivo de catequizar o povo “incivilizado”. Sendo assim, a presença de padres nestas expedições, trouxe a população de Atalaia, mudanças nas relações sociais.

Começando pela edificação da capela, a qual levou alguns anos para sua construção, sendo a atual Igreja, que ficou pronta em 1873. Citamos que entre as pessoas que mais auxiliaram na construção foi o Visconde de Guarapuava, ou seja, Antonio de Sá Camargo que concorreu com muito mais de 10:000000 (dez contos de reis). “Mais de seis anos se empregaram na edificação do prédio onde se funcionava a Câmara e também servia de Cadeia. As obras foram entregues a 19 de novembro de 1887” (TEIXEIRA, 1997, p. 21).

Ao Reverendo Padre Antonio Braga de Araújo, era concedida em 05 de dezembro de 1849, para benzer a Capela que serve de Igreja Matriz.

Assim o fez na forma do Ritual Romano, em dois de maio de 1850.

O Vigário Geral Forense da Província era informado em oito de novembro de 1882 pelo Cônego Braga “Nesta Paróquia existe uma ermida dedicada a São Sebastião, a oeste da cidade, outra, a de N.S. das Brotas, também a oeste, distante duas léguas; outra a de N.S. Da Conceição Aparecida, no paço do Rio Reserva (Santuário da Reserva) a 14 léguas de distância; ermida do Senhor Bom Jesus, nesta cidade. Há ainda Irmandade de N.S. da Conceição, achando-se em 12 de setembro de 1872 em construção uma capela sendo tesoureiro da mesma o cidadão Zacarias Caetano Coelho do Amaral. Não se pode qualificar nenhuma delas de Igrejas, por não terem sido bentas” (TEIXEIRA, 1997, p.22).

*Rita de Cássia Luiz da Rocha**

Mirian Ferreira Santos

OS “ANJOS” VOANDO NO CAMPO SANTO: REPRESENTAÇÕES DA MORTE NA INFÂNCIA

A destarte, como a construção de capelas foi necessária para a confissão religiosa, a dos cemitérios também traziam certa urgência. Destacamos que a construção do cemitério em Guarapuava também chega com o aumento do movimento higienista

Como apontado anteriormente, o sepultamento nas igrejas, foi proibido e por este motivo houve necessidade de criar o espaço dos cemitérios, mas como era grande a demanda assim se criaram vários deles. Com isso houve necessidade de levantar novos fundos para a criação dos mesmos, tendo que se valorizar o trabalho dos zeladores que ali se encontravam fazendo sua manutenção e enterrando os defuntos.

Segundo Teixeira, em 1997 tratava-se de construir novo cemitério, “pois o que existia no fim da Rua Bela, em frente à Lagoa, era "pequeno" e "mal colocado" escolheu-se o lugar onde hoje se acha assentado”. Ainda “Teixeira (1997) discute que existiam oito cemitérios, sendo o mais antigo o da Serra da Esperança, que foi bento pelo vigário Francisco das Chagas Lima”,

Seguindo - se o da povoação de Atalaia bento pelo mesmo Vigário, não se sabendo ao certo a colocação dos mesmos, o desta cidade, a leste construído de pedra, pequeno e inconveniente para a salubridade pública foi abandonado por muitos anos bento também pelo Padre Chagas (TEIXEIRA, 1997, p.22).

Outro cemitério de pedra foi construído ao sul da cidade, que foi bento pelo Cônego Braga em 26 de julho de 1856 sendo:

O da Reserva, construído de pedra, bento pelo mesmo Cônego Braga em cinco de outubro de 1867; o de Candói, construído de pedra em 17 de dezembro de 1875, bento pelo mesmo Cônego, o do bairro do pinhão, edificado também de pedra, bento pelo mesmo Cônego em 9 de junho de 1877, o de Entre Rios, também construído de pedra, bento pelo Cônego em três de julho de 1878; o cemitério do bairro denominado Tunas, bento em 1º de março de 1875, celebrando-se em seu seio Missa Solene. O cemitério do bairro São Domingos, foi bento em quatro de outubro de 1885. (TEIXEIRA, 1997, p.22).

A partir da criação desses cemitérios, houve a proposta da Câmara Municipal, e por Decreto n.88, de 14-4-1862, ficava determinado que, nos cemitérios não se abria sepultura alguma já ocupada, sem que houvessem decorrido dois anos, e que, nenhuma sepultura teria menos de 7 palmos de profundidade, sendo os contraventores aplicada a multa de 10\$000. (TEIXEIRA, 1997, p.22).

Aos 30 de setembro de 1863, era concedido ao Cônego Antonio Braga de Araújo de benzer o novo cemitério construído de pedra nesta vila, assim o fazendo em 19 de novembro de 1864. Com inúmeros cemitérios sendo construídos na vila,

bem como na região próxima, foi necessário criar um cargo para cuidar deste espaço “em 20 de julho de 1892 era criado o cargo de ZELADOR DO CEMITÉRIO, com o ordenado anual de 180\$000, e em 1º de março de 1899, João Spitz, prestava a promessa de Zelador dos Capões e do Cemitério Municipal” (TEIXEIRA, 1997, p.23).

Dois fatos chamam a atenção deste período, destacamos que ao falecer, Felicidade Maria da Trindade, de uma doença contagiosa, fora sepultada ao lado do cemitério, defronte a cruz do mesmo, em 20-11-1864. Fato que ocorreu também com Florentino Fernandes França, em 13-4-1850, de moléstia contagiosa – morfético(lepra).

E em agosto de 1869, os moradores presenciaram a única pena de morte ali executada: a porta do cemitério foi enforcado o preto Constante que matara o seu amo, o fazendeiro Francisco Mendes de Araújo. (TEIXEIRA, 1997, p.01)

No excerto acima, indica que em seqüência dos fatos ocorridos, foi proibido o sepultamento de pessoas ao redor dos cemitérios, e ao mesmo poderia trazer sérias complicações, entre elas algumas doenças. Neste sentido, foi deslocado um espaço próprio para a construção de cemitério. Poderia ter morrido de uma doença contagiosa e assim ficaria vestígio da doença ao redor dos cemitérios que prejudicaria toda a população, aumentando assim o número de doentes.

Guarapuava se confirma nas mudanças ocorridas no período, quando a cidade procura excluir o cemitério de seu campo visual, ao transferi-lo do pátio da igreja matriz para a periferia. A despeito de como foi utilizado anteriormente, o Cemitério Municipal, este ocupa, um lugar de memória, pois nele está sepultada a maior parte da elite da cidade; bem como, suas edificações capelas representam a história de pessoas.

Vejamos nesta passagem de seu livro em que a historiadora Márcia Tembil, retrata a importância do cemitério como preservação cultural e de identidade da população.

Embora nos pareça chocante e difícil de ser assimilado, os cemitérios representam hoje uma fonte inesgotável de pesquisa, pois entre outras coisas preserva de maneira original a história da mentalidade de uma população. O Cemitério Municipal de Guarapuava, além do muro que foi feito no tempo da escravatura, guarda o túmulo dos leprosos que antes eram enterrados para fora do cemitério, os túmulos, capelas e mausoléus que preservam a arquitetura de várias épocas e túmulos que guardam os restos mortais de pessoas que fizeram a história de Guarapuava. E em nosso cemitério encontramos túmulos com esculturas em cimento das mais difíceis e laboriosas de serem feitas e que valem ser preservadas pelo valor artesanal que possuem e porque hoje já não se encontram artesãos habilidosos e com condições de executarem tais obras. Em algumas

capelas as pinturas de parede com desenhos retratam também um trabalho artesanal cada vez menos usado (TEMBIL, 1997, p.162).

Este espaço como valorização da memória, indica também a presença de inúmeras crianças ditas “inocentes” e “menores”, que foram sepultadas, sendo inseridas neste campo santo.

2.3 O Espaço Santo e suas Crianças Inocentes

Como citado anteriormente, as capelas e os cemitérios, caminharam juntos no intuito de representar um espaço ideal de sepultamento para inúmeras pessoas, entre elas, as crianças.

Guarapuava situa-se também nestes aspectos, pois a pesquisa trilhou em busca da inserção social infantil no cemitério, representada pelos adultos nestes espaços.

Esta memória da morte infantil está inscrita nos livros de registros de *Óbitos de Pessoas Livres e Assentos de Batizados de Escravos*. Estes livros foram abertos por Pe.Chagas, (1822 a 1880) logo após sua chegada na vila. Salientamos que estes se encontram na catedral da cidade e abre possibilidade de inúmeras pesquisas na área da História, Antropologia, Sociologia entre outras.

A partir desses dois livros, retiramos alguns nomes de crianças, sua origem, idade e data de sepultamento, no início da *Povoação de Atalaia* Guarapuava. Neste tempo a pastoral católica era responsável pelas práticas religiosas servido na pequena infância. Assim, organizamos em um quadro para melhor visualização, alguns desses registros.

2.3.1 Assentos de óbitos de pessoas livres: 01/10/1810 a 11/12/1880

NOME	RAÇA	IDADE	FILIAÇÃO	LOCAL SEPULTAMENTO ANO
José	Branca	Um dia	Tenente Coronel Diogo Pinto de Azevedo Portugal Rita Ferreira de Oliveira Bueno	Capela 20/08/1812
Rita Yevê	Índia	12 anos	Yopó e Cohim Bansse	Túmulo levantado pelos índios 14/09/1812
José Nongnin	Índio	1 ano	Nhecaxó e Cofe já falecida	Capela 21/10/1812
Theodozio Langrainbane	Índio	10 anos	Degná e de sua mulher Depran	Túmulo levantado pelos índios 20/11/1812
Bernardo	Índio	4 anos	Mienaf e Lafi	Túmulo levantado pelos índios 19/11/1812
Rita	Branca	3 a 4 dias	Tenente Manoel Soares do Valle Thereza Maria Jesus	Capela 20/12/1812

Antonio	Branco	13 anos	Manoel Pires Milfeu Suzana Maria da Crus	Cemitério 09/02/1811
Manoel	Branca	29 dias	Geronimo José de Caldas Anna de Quadros	Capela 06/06/1815
João	Índio	Morreu no mesmo dia	Pai incógnito - mãe Francisca José (viúva)	Cemitério 05/03/1827
Luis	Índio	Doze meses	Pai- João Uexong Mãe Fabianna Gaxá	Cemitério 26/04/1827
Fermino	Branco	2 anos	Antonio de Sá Camargo e Zeferina	Cemitério 26/01/1867

A partir desses dados elencados, de modo geral, estes nos deram indicação que não havia separação entre crianças brancas ditas “inocentes” e crianças índias, as mesmas eram enterradas em capelas, e só após os dois anos de idade as crianças eram enterradas em cemitérios.

Isto se comprova quando verificamos o registro da menina Ritta (branca), que foi enterrada na capela. Vejamos nesta passagem do Pe. Chagas em que escreve:

Aos vinte dias do mês de dezembro do ano de mil oitocentos e doze, nesta povoação de Atalaya nos campos de Guarapuava, faleceu de vida presente, no mesmo dia em que se batizou, Ritta inocente, nascida de três ou quatro dias, filha legítima do Tenente Manoel Soarez do Valle e de sua mulher Thereza Maria de Jesus. Foi por mim recomendada e seu corpo sepultado na capela nesta povoação. Do que consta faço este advento. O Vigário Francisco das Chagas Lima (Pe.CHAGAS, 1812).

Entendemos este fato, do seu sepultamento dentro da capela, porque no período, ainda se acreditava na concepção da inocência da criança, um ser puro, sem mal algum, “um anjo”.

Outro apontamento é com relação ao ato de batizar. O excerto acima, indica que a criança faleceu no mesmo dia em que foi batizada. Fato difundido pela Igreja Católica, em que as pessoas acreditavam, sendo, as crianças logo ao nascer deveria receber o sacramento do batismo, assim, a mesma iria ao céu, pois não possuía pecados e ficaria livre do purgatório. “Havia os que morriam e” tornados “anjinhos”, honravam a Deus, no céu e havia aqueles que partiam direto para “o limbo”: Segundo um catequista, “uma caverna escura por cima do purgatório em que estão os mínimos que faleceram sem batismo” (DEL PRIORE, 1999, p.92).

Dentre tantos sepultamentos, apontamos também, a do menino Fermino, filho de Antonio de Sá e Camargo que foi enterrado no cemitério, pois já tinha dois anos de idade. Atentamos a descrição do Padre:

Fermino inocente, aos vinte e seis dias do mês de janeiro de mil oitocentos e sessenta e sete, digo aos vinte e seis de janeiro do ano

de mil oitocentos e quarenta e um, nesta vila de Guarapuava faleceu da vida presente, queimando-se em água quente, Fermino, inocente, de dois anos de idade, filho de Antonio de Sá Camargo e sua mãe Zeferina Marcondes de Sá. O seu corpo foi sepultado no cemitério desta mesma vila. E para constar faço esse assento. O Cônego Vigário Antonio Braga Araújo (Pe. BRAGA, 1967).

A morte de Fermino inocente foi vista como negligência por parte da mãe por várias autoridades, como padres e pelo seus próprios familiares, entre eles, seu esposo que após a morte de seu filho separa-se de Zeferina sua mulher.

Destacamos que o registro deste óbito leva as inúmeras hipóteses sobre sua morte:

Outro documento em que se localizaram indícios sobre o menino foi a lista nominativa de 1840, dos moradores de Vila de Guarapuava, onde consta que o fazendeiro Antonio de Sá e Camargo morava no 4º quarteirão, casado com Zeferina de dezessete anos, e um filho de nome Firmino de um ano de idade e mais nove escravas. As informações deixadas pelo Cônego Braga, ao registrar o óbito de Fermino, de que a criança tinha “dois anos de idade mais ou menos”, deixaram equivocada a narrativa construída a respeito da tragédia, de que Zeferina teria colocado seu filho na bacia com água quente. “Isso nós seria aceitável para um recém - nascido, não para uma criança com quase três anos de idade que, com certeza, já andava e falava. Outra constatação foi a de que a criança teria “queimado-se em água quente”, com isso, pode-se entender que o acidente teria sido provocado pela própria criança e não pela sua mãe”, (POLLAK apud CASA GRANDE, 1989, p.7).

Em pesquisa, observamos que no registro, foi assentado no livro de óbito. Observamos que a página deixada em branco foi à página 8 até o ano de 1867, quando o padre teve à autorização da igreja para realizar o registro que se encontra escrita na posição lateral, ocupando toda a página (BRAGA, 1867, livro nº. 1B, p.8).

O fato chama atenção devido à causa da morte da criança que seria a descrição da “causa mortis” a vergonha do registro da “causa mortis”, na qual ficaria evidenciada a negligência de Zeferina em relação aos cuidados com seu filho. “Tal circunstância revelou a importância ou o significado do drama não apenas para o indivíduo Antonio de Sá e Camargo e sua esposa como também para a comunidade, as relações sociais e o questionamento dos papéis de pai e mãe” (POLLAK apud CASAGRANDE, 1989, p.7).

Outro apontamento é com relação às crianças índias. Observamos que, estas, estão registradas no mesmo livro, juntamente com as crianças brancas, nos dando indicação que o mesmo ritual acontecia a elas, às ditas inocentes. Citamos o menino José Nongnin (índio), vejamos a citação na íntegra, feito pelo cronista:

*Rita de Cássia Luiz da Rocha**

Mirian Ferreira Santos

OS “ANJOS” VOANDO NO CAMPO SANTO: REPRESENTAÇÕES DA MORTE NA INFÂNCIA

Aos vinte dias do mês de outubro do ano de mil oitocentos e doze, nesta povoação de Atalaya nos campos de Guarapuava, faleceu da vida presente depois de ser batizado, José Nongnin, índio inocente, de idade de um ano filho de Nhecaxó, e de sua mulher Cofe já falecida. Foi por mim recomendado, e seu corpo sepultado na capela desta povoação. Do que para constar faço este advento. O Vigário Francisco das Chagas Lima (Pe. LIMA, 1812).

Entendemos que os índios aceitavam enterrar seus filhos na capela, pois aceitavam os rituais católicos, e mesmo os religiosos católicos difundiram por muito tempo a pureza do índio.

A respeito das relações entre índios e padres católicos, o cemitério indígena fazia parte do contexto, separado dos brancos. Acreditamos que este espaço a parte, possa indicar que, os indígenas não queriam ficar aliados a cultura de ninguém. Ali, no campo santo, eles poderiam sentir-se donos de si, com suas crenças e ritos, perpetuados a gerações posteriores.

Aos vinte dias do mês de novembro do ano de mil oitocentos e doze, nesta povoação da Atalaya nos campos de Guarapuava, faleceu da vida presente, depois de haver alguns dias antes o sacramento do Baptismo. Theodozio langrainbane (índio), de idade de dez anos pouco mais ou menos, filho de Degná e de sua mulher Depran. Foi por mim recomendado o seu corpo sepultado no túmulo de terra, que exigirão os mesmos índios pra sepultura deste defunto junto a esta povoação. Do que para consta faço este advento. O Vigário Francisco das Chagas Lima (Pe. LIMA, 1812).

Outra questão levantada nas fontes é com relação à idade das crianças, que, após dois anos a mesma eram enterradas em cemitérios, pois acima desta idade eram chamadas de “menor” e não caberia ser mais entendida como um “inocente”, “anjo”, assim sendo inserida, no coletivo do cemitério.

Aos nove dias do mês de fevereiro do ano de mil oitocentos e onze, neste Aquartelamento da Atalaya nos campos de Guarapuava, faleceu da vida presente Antonio de idade de treze anos, filho legítimo de Manoel Pires Milfeu e de sua mulher Susana Maria da Crus, moradores da Freguesia do Patrocínio desta doze de Corytiba. Recebeu na sua enfermidade os sacramentos da Penitência e Extrema Unção, e não o Sagrado Viático por impedimento, que lhe causou a mesma enfermidade. Foi recomendado, e seu corpo sepultado no cemitério deste Aquartelamento aos dez do corrente mês. E para constar faço este advento. O vigário Francisco das Chagas Lima (LIMA, 1811).

Os registros que se seguem a partir de agora, são do livro de assentamentos dos negros. Selecionamos também alguns de interesse para a pesquisa.

2.3.2 Assentos de batizados⁴ de escravos e óbitos desde 24/03/1822 até 11/12/1880

NOME	RAÇA	IDADE	FILIAÇÃO	LOCAL SEPULTAMENTO ANO
Geminiano	Negra	7 meses	Gabriel José mendes Marianna dos Santos	Cemitério 17/07/1824
Haxia	Negra	Recém-nascida	Silvério Antonio de Oliveira Antonia Haxia de Jesus	Cemitério 01/11/1824
Delfina	Negra	7 anos	Bento Barbosa Leite Gabriela Francisca	Cemitério 27/12/1824
Maria	Negra	Recém - nascida	Manoel de Góis Izabela de Limão	Cemitério 13/11/1829
Maria	Negra	1 mês de vida	Pai-incógnito Anna Antunes de Lima	Cemitério 06/01/1842
Manoel Pereira	Negra	Recém-nascido	Jacol Dias Maria Fernandes	Cemitério 08/12/1829
Maria	Negra	4 meses	Venâncio Alves Maria de Lara	Cemitério 26/08/1845

Com relação às crianças negras verificamos que todas eram enterradas no cemitério. O registro indica que nenhuma criança foi sepultada na capela. Afirmamos esta questão quando o Pe. Antonio Araújo escreve:

Aos seis dias do mês de janeiro do ano de um mil oitocentos e quarenta e dois, faleceu de morte presente Maria inocente (negra). De um mês de idade mais ou menos, filha de pai incógnito e de Anna Antunes de Lima. Foi por mim incomendado e seu corpo sepultado no cemitério desta freguesia de Nossa Senhora de Belém em Guarapuava. Do que posso constar faço este advento. O Vigário encomendado Antonio Braga Araújo (Pe. ARAÚJO,1842).

Há indícios da separação das raças, mesmo porque o período reporta ao processo de escravismo a qual o Brasil estava passando. Desta forma, não importava a confirmação religiosa católica, realizada pelos padres aos familiares e das crianças negras para o seu sepultamento no interior da capela.

⁴ Não há separação nos livros de registros de batismo e óbitos dos negros, como se apresenta os livros dos brancos e índios.

*Rita de Cássia Luiz da Rocha**

Mirian Ferreira Santos

OS “ANJOS” VOANDO NO CAMPO SANTO: REPRESENTAÇÕES DA MORTE NA INFÂNCIA

Outra questão levantada a partir da documentação pesquisada é com relação ao batismo dos filhos de escravos. Como tido anteriormente, o batismo era muito importante, pois a criança batizada era purificada e tinha fidelidade ao credo católico, era mais uma forma de dar solenidade à entrada da criança nas estruturas familiares e sociais. Não sendo diferente as crianças negras.

Gilberto Freyre chamava atenção para a importância do catolicismo nas tradições culturais africanas. “Graças a ele era possível não apenas nascer já acompanhado por um padrinho, mas também protegido” (FREYRE apud DEL PRIORE, 1999, p.182)

Assim sendo, os pais que não batizavam seus filhos assim que nascesse eram muito criticados, havia prazo de oito dias, dado pela Igreja para batizar seus inocentes.

De acordo com os escritos dos padres no livro de registro, com um dia ou poucas semanas os inocentes negros também, eram batizados, os padrinhos dos mesmos era os escravos libertos ou mesmo pessoas brancas de convívio.

Vejamos a citação do Padre Antonio Braga Araújo em que aponta:

Aos oito dias do mês de dezembro do ano de um mil oitocentos e vinte e nove, faleceu de morte presente Manoel Pereira inocente, nasceu e neste mesmo dia em caso de necessidade batizado em casa, filho legítimo de Jacol Dias e de sua mulher Maria Fernandes. Foi por mim incomendado e seu corpo sepultado no cemitério desta freguesia de Nossa Senhora de Belém em Guarapuava. Do que posso constar faço este advento. O Vigário encomendado (Pe. ARAÚJO,1829).

Entretanto, isso nos mostra a ambigüidade do escravismo, se considerava a criança “de cor” na terra, esta seria diferente, considerando as questões raciais e econômicas não era digna de estar em solo tão santificado como os filhos dos grandes da terra. Fica claro na citação acima que ela era enterrada no cemitério, não tendo o direito de ser inserida no interior da capela. A criança negra era reportada fora da igreja, mesmo participando dos rituais católicos, principalmente do batismo, a separação entre brancos e negros, era intensa, pois ainda acreditavam que os mesmos não tinham alma, eram “diferentes”. Segundo as pessoas, mais idosas do município, há indícios, que dentro do próprio cemitério municipal, havia um muro, o qual separava as pessoas brancas das negras.

A mudança, nos sepultamentos, de crianças, brancas e índias, bem como as negras, saem do espaço igreja da cidade e encaminham-se para o cemitério. Este ordenamento ocorreu segundo a documentação a partir de 1827.

Sendo assim, todas as crianças passaram a ser enterradas nos cemitérios. Isto se concretiza devido ao movimento higienista, fortemente difundido no período. Neste sentido, entendemos que a criança passa a ser inserida no âmbito público do

cemitério. Observamos nesta passagem do Vigário com relação às crianças indígenas:

Aos vinte e seis dias do mês de abril de mil oitocentos e vinte e sete, faleceu da vida presente Luis inocente (índio) da idade de doze meses, filho legítimo de João Uexong e de sua mulher Fabianna Gaxá, índio da Aldeia da Atalaya. Foi por mim recomendado, e seu corpo sepultado no cemitério desta Freguesia de Belém. Do que consta este advento. Vigário Francisco das Chagas Lima (Pe. CHAGAS, 1827).

E também a passagem do sepultamento uma criança branca:

Aos quatorze dias do mês de setembro de mil oitocentos e vinte e sete, faleceu de vida presente Francisca inocente de idade de um ano e três meses, filha legítima de Gerônimo José de Caldas e sua mulher Anna Ferreira dos Santos freguesia desta paróquia. Foi por mim recomendado o seu corpo e sepultado no cemitério desta povoação. Do que consta faço este advento. Vigário Francisco das Chagas Lima. (Pe. LIMA, 1827).

No entanto em pesquisas desde 01/10/1810 a 11/12/1880 e 24/03/1822 a 11/12/1880 realizada percebeu-se que crianças ditas “menor” eram enterradas em Igrejas, após 1827 todas seriam enterradas em cemitérios, conforme os registros citados em livros de óbitos da igreja,

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vida e morte. Morte de crianças. Inúmeras indicações antes do século XVII a criança não era percebida, pela sociedade, a indiferença pela morte das crianças e o seu sepultamento era grande. Pois, inúmeras crianças foram jogadas fora, abandonadas em caminhos, bem como, servindo de alimento para animais.

A percepção de um enterro e/ou sepultamento das crianças, veio com a sua importância no seio familiar na modernidade, em que a morte passou a ter uma significação maior entre as pessoas, sentimentos com a perda de um ser próximo.

A representação da despedida das pessoas, com seus filhos, indicaram classe social e raça. Aspectos também visualizados e registrados pelos muitos viajantes que pelo Brasil estiveram. Relatos que apontam, crianças, em que as famílias eram bem sucedidas eram enterrados como “anjos” no interior das capelas e igrejas, enquanto as menos desprovidas eram sepultadas em qualquer lugar, e ou arredores da instituição sacra, sendo que muitas vezes, nem as autoridades religiosas se importavam pelos enterros destas crianças.

Rita de Cássia Luiz da Rocha*

Mirian Ferreira Santos

OS “ANJOS” VOANDO NO CAMPO SANTO: REPRESENTAÇÕES DA MORTE NA INFÂNCIA

Percepção que obtivemos no município de Guarapuava, das crianças ditas inocentes, as de raça branca e índia, bem como as crianças negras em que os registros afirmam, seus sepultamentos em igreja e/ou cemitérios. As crianças brancas e índias até dois anos eram sepultadas no interior da igreja/capela. Após esta idade chamada de “menor”, eram todas, independentemente de raça enterradas no cemitério. Esta concepção nos da indicação de que a criança deixa de ser ingênua, pura, “anjo”, e torna-se após esta idade, um ser racional, aquela que comete pecados, não sendo mais digna de ocupar o espaço sagrado da igreja.

Neste contexto, registramos que tanto as crianças índias, quanto as brancas teriam o mesmo “valor” sentimental, enquanto as crianças negras enterradas no cemitério, estas seriam desvalorizadas, em se ter este espaço dividido com as demais crianças, mesmo participando de todos os ritos católicos existentes no período. Aspectos que viriam a mudar a partir de 1827.

A despeito dos espaços, os relatos indicam uma preocupação em sepultar esta criança, dar a ela um espaço de valor, representada pelos rituais, celebrações e por que não dizer pelo carinho que muitos a elas atribuíram. As mudanças no comportamento dos adultos, diante da morte das crianças, a forma como são tratadas em seus rituais fúnebres, indicam a sua valorização pela sociedade.

Valorização que ocorreu num processo lento. Hodiernamente, crianças nascem todos os dias, pelo mundo, com elas compartilhamos de sua alegria, vivacidade. Podemos vesti-las de nossas cores, rodeamo-as com nossos ensinamentos... Elas estão em nossas mãos, praticamente se converte em nós. Não sabemos do seu tempo conosco e nem tão pouco do nosso juntamente a ela, mas fazamos que este seja bom.

FONTES

Assentos de óbitos de pessoas livres: 1º de outubro de 1810 a 8 de novembro de 1880.

Assentos Batizados de Escravos: 24 de março de 1822 a 11 de dezembro de 1880

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÉS, Philippe, *História Social da criança e da família*, 2ª ed. – Rio de Janeiro.

CASAGRANDE. Sandro. *História de Guarapuava*. <http://www.cmgpr.gov.br>.

Rita de Cássia Luiz da Rocha*

Mirian Ferreira Santos

OS "ANJOS" VOANDO NO CAMPO SANTO: REPRESENTAÇÕES DA MORTE NA INFÂNCIA

COE, Augustinho Júnior Holanda. A morte no século XIX e a transferência dos enterros das igrejas para os cemitérios em São Luís.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Ed. 2001.

MARANHÃO, José Luiz de Souza. *O que é a morte*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

MARCONDES, Gracita Gruber. *Guarapuava: história de luta e trabalho*. 1998.

PRIORE, Mary Del - *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ROCHA, Rita Luiz. *História da Infância: Reflexões acerca de algumas concepções correntes*. Revista Analecta.vol. 3. Guarapuava, 2002.

TEIXEIRA, Bejamin. *Registros Históricos de Guarapuava*, 1997.

TEMBIL, MÁRCIA. *Em Busca da cidade moderna: Guarapuava, recompondo histórias, tecendo memórias:UNICENTRO*, 2007.

VAILATI, Luiz Lima. *Os Funerais de "Anjinhos": Na literatura de viagem*. Revista Brasileira de História. Vol.22. São Paulo, 2002.

THE "ANGELS" IN FIELD SAINT FLYING: REPRESENTATIONS OF DEATH IN CHILDHOOD

ABSTRACT: The rituals funerals had always a singular representation, by consisting in an imaginary sample of the popular one; be cause, are perceived as practical loaded of symbolisms and present in the daily one of each culture here bore, this research for bollwed ways that are considered as obscure, for the people children decth.. In this direction, it is emphasized that the boarded subject is not only in fact religious hallmark religious or public health, but, in the cemetery perception, that is, in the physical place, "field saint", as space child of valuation the child, when starts to belong to this place, characterizing the social existence for infancy.

Keywords: death - infancy - cemetery - representation

Recebido em 28 de julho de 2009; aprovado em 15 de agosto de 2009.